

AVENTURA & AÇÃO



REPORTAGEM ESPECIAL

SÃO JOAQUIM E URUBICI, SC

Cenário para uma das mais
belas travessias do Brasil



 MEIO AMBIENTE

- ✓ Descubra o que é Permacultura
- ✓ Código Florestal é lei viva no Pantanal

TURISMO DE AVENTURA

ESCALADA - Pão de Minas

ROTEIRO DE AVENTURA - Monte Verde, MG

MERGULHO - Curaçao, Venezuela

MOCHILANDO - América Latina

CICLOVIAGEM - Caminho da Fé, SP

EXPEDIÇÃO A&A

CHAPADA DIAMANTINA, BA

Em busca dos novos tesouros

ISSN 1516-3997



9 771516 399001

152 - R\$ 9,90

DESTINOS
DE INVERNO



MONTE VERDE, MG

SANTO ANTONIO
DO PINHAL, SP





EXPEDIÇÃO & AA
e BRADDOCK

Pedra Formosa, cartão-
postal de Bonito, SC

Contrastando com a típica paisagem brasileira que inspira músicas, poemas e atrai milhares de gringos em busca das altas temperaturas das praias ou florestas tupiniquins, a região ostenta um cenário que mais se aproxima dos cartões-postais europeus. Com seus cânions e penhascos cobertos por densas neblinas, matas remanescentes de araucárias e rios cristalinos e gelados, a Serra Catarinense parece revelar outro País, que apesar de não ser tropical, é incontestavelmente bonita por natureza

SERRA CATARINENSE, BONITA POR NATUREZA

Urubici, terra do frio e da aventura

A pequena cidade de pouco mais de dez mil habitantes, apesar da pouca sofisticação, recebe os turistas com simpatia e o acolhimento típicos de um município do interior, que preserva o ar puro e as tradições do tempo dos tropeiros. Há cerca de duzentos anos, eles paravam por ali levando o gado do Rio Grande do Sul a São Paulo e deixavam marcas dos pampas, como o goito pelo chimarrão e pik mística e dança gaúcha.

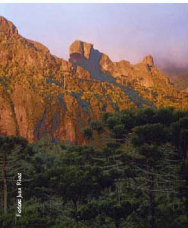
Para quem quer curtir mais de perto a natureza esuberante do lugar, o município oferece pousadas afastadas, a no alto das montanhas, ou mesmo em belas propriedades rurais, que se estruturaram para receber os visitantes dispostos a conhecer de perto o verdadeiro sabor da vida no campo. O que não é difícil mesmo para quem está hospedado no centro da cidade, que consiste em uma única avenida. A partir dali, cerca de 5 minutos de carro e mais 15 de caminhada

de levam a um dos principais atrativos do município: a Cachoeira do Avenal, com uma bela queda de 100 metros de altura.

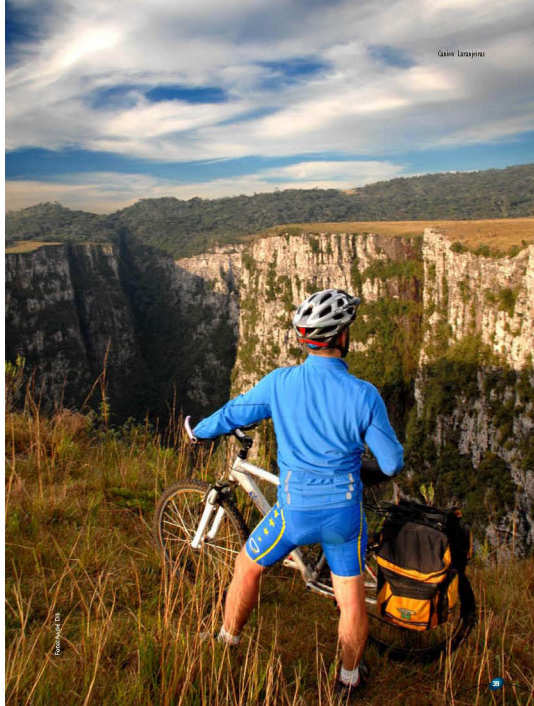
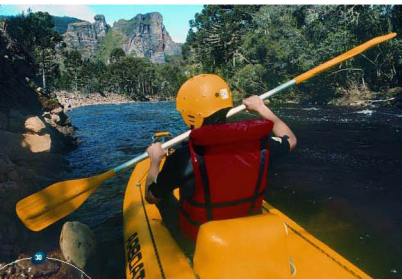
No Morro de mesmo nome, outra atração são as marcas deixadas por antigas civilizações, que registraram sua passagem por ali em pedras, através de desenhos que instigam a imaginação de pesquisadores e curiosos. Segundo arqueólogos, as inscrições rupestres possuem mais de quatro mil anos.

Bem mais distante da cidade, entre os lugares mais inacessíveis de Urubici está o Campo dos Pedres, que guarda uma vegetação de campo de altitude em uma das regiões mais isoladas do estado. O acesso só é possível a cavalo ou a pé, em uma belíssima caminhada de dois dias. Se não bastasse o visual singular destes campos abertos, do alto do Morro da Boa Vista, a 1.827 metros, nos dias mais claros, enxerga-se o litoral a mais de

60 km de distância. Como o prêmio é para poucos, já vai um consolo: o famoso Morro da Igreja, com somente cinco metros a menos que o da "Boa Vista" está a 2,8 km do centro de Urubici, acessível por uma estrada de asfalto. Além da incrível beleza, o lugar ficou famoso por ter registrado a temperatura mais baixa do País, 17,8 graus negativos, em junho de 1996. A marca é motivo de orgulho para os moradores locais, que inver-



Urubici, Floresta de Araucárias com a Pedra da Igreja ao fundo abaixo, Duque de Caxias, principal rua de Urubici da região



tem nas histórias sobre o frio, geadas e ocorrência de neve para atrair os visitantes.

A vocação para o turismo, entretanto, só começou a se revelar há 15 anos, dividido espaço com a tradicional atividade agropecuária trazida no final do século XIX por imigrantes alemães, lito-ânicos e italianos. Vindos de regiões frias da Europa, eles encontraram nestas terras um clima semelhante ao de seus países de origem e se destacaram no cultivo de hortaliças. Hoje, o município de Urubici é considerado um dos maiores produtores de hortifrutti do País.

No período de 1920 a 1970, outra atividade que é infelizmente fomentou a economia da região foi a derrubada dos bosques de araucária, que, por pouco, não causou a extinção de árvore-símbolo da Serra Catarinense. Só no município de Urubici chegaram a existir 40 madereiros em funcionamento.

O fortalecimento do ecoturismo, entretanto, com a chegada de guias, pesquisadores e amantes de natureza, em geral, tem incrementado a economia e promovido mudanças sociais e ambientais na região. Prova disso é o crescimento da agricultura orgânica e a consolidação de ONGs como o Instituto Serrano de Conservação de Natureza. Há quatro anos em atuação, a organização trabalha com educação ambiental, promovendo cursos de conscientização sobre os ambientes serranos de altas altitudes, voltados para agricultores e estudantes. Outra iniciativa da ONG é a realização de mostras e exposições que contam a história da formação geológica da região, além de difundir informações sobre a fauna e flora dos ecossistemas serranos.



Foto:Armando De

Vegetação de Araucária e casca de pinheiro fazem parte da paisagem da Serra Geral

Viagem pela colonização

Fera a hospitalidade dos moradores locais, há ainda outras características típicas do interior do Brasil que podem ser apreciadas em Urubici como a boa e farta culinária. Nos cardápios dos hotéis, restaurantes e bistrôs, figuram iguarias típicas como o pinhão e as traças que, introduzidas nos rios do município, se deram bem com suas águas geladas e hoje compõem os pratos mais apreciados da região.

Além de experimentar este delicioso peixe, quem visita a cidade certamente vai se sentir de curiosos caços e leões; que se misturam a história do Brasil decorrida por ali. Quando da chegada dos europeus em 1500, os índios xodengues eram donos destas terras e dominavam as florestas que cobriam as encostas

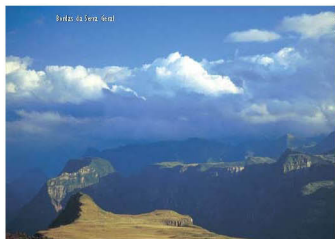
das montanhas, os vales litonícteos e as bordas do Planalto Sul do Brasil. Nesta época, havia só na região sul 247 mil índios, segundo estudos do antropólogo Darcy Ribeiro. Era população filando dezimada ao longo dos séculos, na Serra Catarinense, em especial, de uma forma sangrenta e bárbara.

Na medida em que as frentes de colonização foram avançando para o interior, encunhando os indígenas, o confronto tornou-se inevitável. Surgiu assim a figura do bugreiro, indivíduo especializado em atacar e exterminar indígenas, contratado pelos colonos imigrantes e pelo governo provincial, assim chamados em alusão ao termo "bugre", que designava pejorativamente os índios da região. Os moradores de Urubici contam que estes matadores de índios recebiam por



Quilô e casarão da fazenda antiga da Serra Geral

Foto:Armando De



Visão da Serra Geral

Foto:Armando De

Não deixe de visitar

- **Morro da Igreja** – Localizado no centro do Parque Nacional Sítio, o local, emoldo procurado por praticantes de esqui e montanhismo. Se a paisagem não estiver formada pela neblina, torna-se um ótimo ponto para as escapadas da Serra Geral e para a bela Pedra Furada, uma formação rochosa contendo um portal, em forma de janela arredondada, com diâmetro cerca de 30 metros de circunferência. Do mirante do Morro da Igreja até a Pedra são cinco níveis de caminhada.
- **Nascentes do Rio Pelotas** – A região situa-se em campo alagado e possui uma das trilhas (já mencionadas) mais interessantes do Parque.
- **Cascata Via de Horta** – Possui águas geladas ruindo quando a 45 metros de altura. Está nos limites do Parque, 5 km antes do Morro da Igreja.

per de arelhas que entregaram aos seus patrões. O negócio devia ser lucrativo. Segundo relatos, há fotos com banhistas inteiros transbordando de arelhas encaixadas de homens, mulheres e mesmo crianças xodengues.

Outra história comumente contada pelos moradores locais, referente ao período colonial, diz respeito a tesouros perdidos, que aguçam a imaginação, estimulam pesquisas e expedições na região. Antes da chegada dos alemães e dos tropeiros, havia algumas mirétes jesuítas que deram nome a locais como o "Morro da Igreja" e o "Campo dos Padres".

Segundo as histórias contadas, quando foram perseguido a mando do Marquês de Pombal, estes jesuítas entraram em embarcações, pelo Rio Canoas, com um grande tesouro, cerca de 60 baixios de ouro, que esterraram em cavernas próximas ao Morro da Igreja, lucrando sua entrada. Há quem diga que já encontrou vestígios deste tesouro perdido pelas montanhas da região.

Mesmo para quem não encontrar pistas sobre o paradeiro dos pepitas de ouro dos missionários, um passeio pelos outros turistas da cidade promete boas recompensas.



Foto:Armando De

Biodiversidade na Serra acima, lugares repletos de tipos de grãos geladas como a Patúguia e a Alpaca, abacaxi, abacaxi e a Pira-pira-bonita



Foto:Armando De

- **Cachoeira do Ancaal** – Uma das mais belas quedas d'água da região, pode ser atingida por estrada asfaltada em direção à cidade do São-Joaquim, mas, cercada por uma trilha de 900 metros, em meio a cavernas e sedas.
- **Serra do Corvo Branco** – Possui uma estrada que recebe as águas do Rio Laranjeiras. Está localizada a 25 km, por estrada de terra, à partir de Buss-Jardim da Serra.
- **Serra do Rio do Rastro** – Possui a estrada asfaltada mais sinuosa do Brasil (SC-436), indo em direção à Laguna Hillier. Suas curvas oferecem um cenário com 1.400 metros de altura e há vários mirantes para observação da paisagem.
- **Morro do Campestre** – Também conhecido como Morro da Cruz, possui um mirante com vista parcial do Vale do Rio Canoas. Está localizado a 8 km do centro de Urubici. O pôr-do- sol proporciona uma espetacular à parte na paisagem.

Encantos da Serra

A imponente Serra Geral convida os aventureiros a experiências audaciosas de superação, encantamento e silêncio diante de paisagens que merecem respeito dos homens


Foto: J. M. S. / A. S. / G. B.

Todos os anos o episódio se repete: as atenções se convergem para o termômetro da praça graças à promessa de neve que trará milhares de turistas à região, protegidos com gorros, capas e cachecóis, em busca dos flocos flutuantes que instigam a imaginação das pessoas. Os telejornais aguardam ansiosos para anunciar o fenômeno na região de São Joaquim, o único lugar que neve no País! A propaganda acaba frustrando muita gente com alguma frequência, pois a incidência de neve é pequena e rara, se resumindo a alguns (poucos) dias do ano.

Mais que neve, entretanto, a região serrana promete um cenário especial para a prática dos esportes de aventura, podendo ser considerada a capital do ecoturismo em Santa Catarina.

Embora o atrativo turístico mais celebrado seja o rigoroso frio do inverno, todas as bem definidas estações do ano são convites para as atividades outdoor. No inverno, o céu azul e um convite às pedaladas pela serra. As grandes formações geológicas são, definitivamente, um banquete para os amantes do mountain bike, seja em trilhas de alto nível técnico, trajetos mais leves, ou em travessias de vários dias. A agência Caminhos do Sertão, especializada em ecoturismo pela região, organiza pedaladas para iniciantes ou bikers mais exigentes.

Há também opções de caminhadas de todos os tipos, desde travessias pelo Parque Nacional, ou trilhings mais intensos pelo Campo dos Padres, que leva aventureiros mais audazes a paisagens de tirar o fôlego.

No verão, com o aumento da temperatura e das chuvas, 



as águas dos rios tornam-se mais inspiradoras e propiciam banhos em piscinas naturais formadas por imponentes cachoeiras. Nessa estação, outra boa opção é a prática de canoagem pelas corredeiras que cortam os vales verdejantes, cercados de araucária. A operadora Corvo Bran co Expedições organiza descidas regulares nos meses mais quentes. Há ainda vários paredões para a descida de rapéis em toda a Serra.

A maior dificuldade imposta pela paisagem provavelmente será optar por um entre os tantos roteiros possíveis por rios, vales, cânions ou serras de Urubici.

Travessia no Parque Nacional São Joaquim

Em minha expedição pela região serrana, contei com o apoio de uma guia especial. Juan Rivas é o típico "cidadão do mundo". Seu impeto de embrenhar-se pelos confins da terra, a paixão pelo montanhismo e pela fotografia o lançou na estrada. Percorreu as Américas por alguns anos em busca de aventura, de lugares surpreendentes e de culturas que ainda resistem à padronização do mundo globalizado. Uruguaio nascido em Salto, cidade banhada pelo Rio Uruguai, cresceu às margens de suas águas, junto à natureza, pensando com seu pai e seu irmão Oscar Rivas. Aprendeu desde cedo, na escola, a importância da queda básica hidrográfica tão vital para o seu país. O tempo passou e Juan fixou-se em Porto Alegre e, posteriormente, em Florianópolis. No entanto, sua busca pelo desconhecido lhe cobrava algo: conhecer a nascente daquele rio tão importante, que, desde a infância, o ligava à sua imaginação. O Rio Uruguai nasce nas serras catarinenses na junção do

Rio Pelotas e do Rio Canoas e é um dos principais rios da região sul, seguindo para o oeste e dividindo os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Posteriormente, torna-se o marco fronteiriço entre Brasil e Argentina, logo depois entre Argentina e Uruguai, juntando-se ao Rio Paraná em sua foz para compor a imensa bacia do Prata, os Platina, uma das maiores do mundo.

Em 1990, olhando os mapas locais, Juan e seu irmão traçaram um plano. Estudaram minuciosamente a altimetria da região, e partiram para as terras altas da Serra Geral, em busca do Rio Canoas, uma das nascentes do Uruguai. Desceram do ônibus, na BR 282, munidos de suas mochilas carregadas e lançaram-se pelos recônditos da Serra, em busca do olho d'água. Em uma expedição de quatro dias, navegando somente com cartas e bússolas chegaram ao almejado destino, depois de se perderem algumas vezes na ventania daquela região montanhosa, coberta por matas de araucárias e composta por cânions, rios, cachoeiras e penhascos vertiginosos e, é claro, um frio que só existe por ali.

Travessia na Serra Geral, uma das mais belas do Brasil

Quase vinte anos após a aventura dos intrépidos irmãos, desembarco na pequena cidade catarinense de Urubici que serve de portal de entrada para o Parque Nacional de São Joaquim. Juan me recebeu com o mapa indicando o caminho que iríamos percorrer. Optamos por fazer a travessia de três dias pelo Parque Nacional, onde brotam as águas do Rio Pelotas, outro manancial do Rio Uruguai. Ao questioná-lo se era a sua travessia procurada, ele me respondeu com certo ressentimento, que, apesar do crescente movimento de conscientização ambiental e da guinada no conceito do ecoturismo no País, ainda é raro as pessoas buscarem uma experiência como essa. Milhares de turistas chegam à região atraídos pela neve prometida pelos telejornais, no entanto, são poucos os que percorrem as trilhas mais esgotantes, em busca da imensidão da Serra Geral e seus cenários surpreendentes.

Segundo Juan, somente alguns

(poucos) trilheiros mais audaciosos, animem-se a enfrentar uns graus negativos dentro de uma barraca, para vulturar as paisagens cênicas mais remotas da Serra Geral e ter o privilégio de contemplar um horizonte longínquo onde a terra encontra o mar.

Logo após o distrito de Vacas Gordas, passamos pelo posto do IBAMA, no limite do Parque, e começamos nossa caminhada sob uma atmosfera lúgubre, adensada pela neblina. Atingimos uma estrada impenetrável, ao pé de um antigo cemitério de pedras, quando as nuvens se dissiparam e a paisagem se mostrou evidente. Andávamos pelos campos altos, delineados por serras arredondadas, partidos em cores difusas e matizes que variavam entre o tom palha e o dourado dos capinzais. Araucárias se espichavam ao céu, em capôtes remanescentes de mata primária.

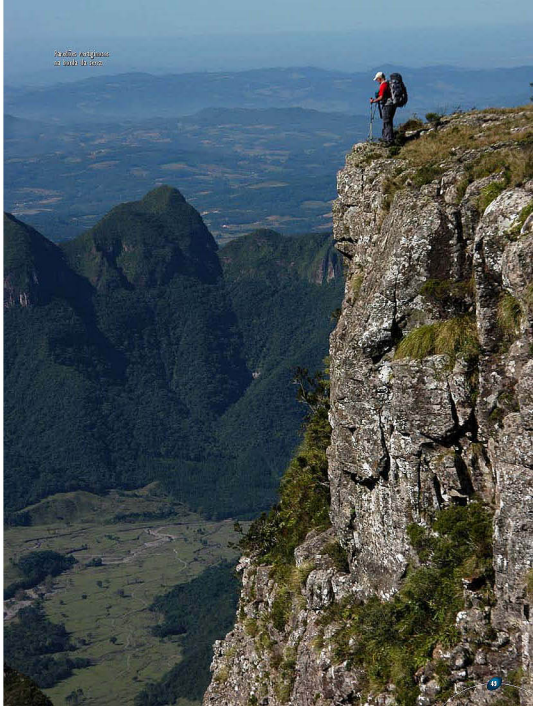
Chegamos à borda da Serra, ao cair da tarde, à beira de um grande paredão cheio de recortes, que se abriam em cânions de tirar o fôlego. A apenas 45 km do litoral, a região serrana do estado freio geograficamente da costa brasileira em um salto de 1.800 metros acima do nível do mar.

Depois de aproveitar os últimos raios de sol, procuramos um curso d'água para o merecido deléite. Após o banho de "jato", comemos e nos abrigamos na barraca, pois, com a noite veio o frio e o ar ficou terrivelmente úmido.

O Parque Nacional existe no papel desde 1957, tendo sido criado para proteger as últimas matas de araucárias, que foram retiradas aos milhares na década de 50, pela exploração das madeiras. Mais de meio século depois de sua criação, entretanto, a situação financeira ainda não foi regularizada. Existem pequenos criadores de gado e agricultores vivendo nos limites do parque, à espera do pagamento referente à desapropriação de suas terras pela União. Graças a isso, vê-se muitas plantações de maqui, cultivadas pelo modo convencional, com a utilização de agrotóxicos e pesticidas, colocando em risco as águas supostamente protegidas do Rio Canoas e seus pequenos e cristalinos afluentes.

A Unidade de Conservação revela alguns tipos de vegetação distintos: os

Travessia antigamente em São Joaquim





campos gerais, ou de altitude, presença do nar encortas, as matas de a raucóritas e as matilhas e ebulares, características de lugares úmidos, além de alguns trechos de florestas de Mata Atlântica, que restringiram a estrada desenhada.

Encontro com as águas do Pelotas

Enquanto o orvalho da noite condensava-se no teto da barraca, a condormir para curtir o amanhecer. O astro-rei surgiu então, pelas enormes fissuras nas rochas que afloraram há milhões de anos, amenizando um pouco o frio que não poupava nem os ossos. Rurramos para o norte, margeando a grande depressão geológica, onde o chão desabava subitamente, em precipícios entrecortados por mais de 500 metros em paredes verticais, composto um ambiente intenso, de rara beleza em sua morfologia coloral!

Caminhamos para o centro do platô, nos afastando da beira do abismo, sempre presente em toda a travessa. Andávamos então por trilhas ofuscadas na vegetação rala, formadas por antigos caminhos de um tempo marcado pela exploração madeireira. Mesmo com todo o esforço físico, o vento gelado impedia o suor, arrefecendo e amainando cada subida. Chegamos às margens do Rio Pelotas, que corria pelo leito pedregoso, sulcando caprichosamente a terra e desenhando o grande platô dos Campos Gerais. Seguimos o curso do rio à procura de um bom acampamento, quando fomos surpreendidos por uma lagoa, que submergiu rapidamente, camuflando-se sob o espelho d'água. A fauna da região é bem diversificada, e tem como destaques o urubu-rei ou corvo branco, como é chamado por ali, e alguns pássaros endêmicos, como o pedreiro e o garimpeirinho. No entanto, os parras

Grandes formações geológicas
fazem de lugar um dos melhores
do Estado para o ciclismo





A Serra da Serra
cascata e às
cavernas mais ínguas
de toda Serra Geral

ou leões-baios são os que mais intrigam a imaginação dos homens, desde os primórdios. Antigos habitantes da região, os índios xoclengues acreditavam que os pumas tinham um espírito-guia que os protegia, permitindo ou não a aproximação dos homens. Diziam que os animais sentiam o verdadeiro propósito de cada ser humano.

Paramos num bom ponto perto da água e subimos ao acampamento antes do cair da noite. Conseguimos, enfim, sob um teto encolado, tomar um bom banho nas águas reigorantes do Pelotas.

Silêncio, natureza e imensidão

O silêncio da noite é interrompido pelas rajadas de vento, vértice de grande muralha que se repete o horizonte terminado em mar. Apesar da exploração na década de 50, a natureza ainda reina absoluta no Parque. Nesse momento, começamos a caminhar sobre um terreno instável, tornando o caminho torturoso e árduo. O solo era composto por grandes esponjas aquosas compostas de musgos e restos vegetais em decomposição, chamadas de turfeiras, caracteris-

ticas da aquele clima com elevada precipitação pluviométrica. Os atoleiros eram inevitáveis. Negociávamos cada passo, e em alguns momentos, atolávamos até o joelho. Pouco a pouco, vencemos o campo "minado" e chegamos a uma grande rampa que nos levava ao final da trilha. Subimos ansiosos para fechar a travessia. A tarde já colorida ao pader de montanha e o sol amenizava a brisa gelada quando avistamos a ruivosa estrada, a civilização, e a Girele, esposa de Juan, que nos havia deixado na outra vertente do parque três dias an-

tes e esperava-nos para fazer o reigite. Chegamos ao Morro da Igreja, onde o vento sopra sem pedale. Entramos no carro com a experiência efêmera, deixada pela natureza pulsante, no contato íntimo que tivemos com aquele cenário mágico, onde reina a vastidão e o silêncio absoluto.

Pedalando pelo Parque Nacional

O vento mizano tornava agradável a jornada pelo caminho que se apresentava em várias subidas pelo alicve pe-

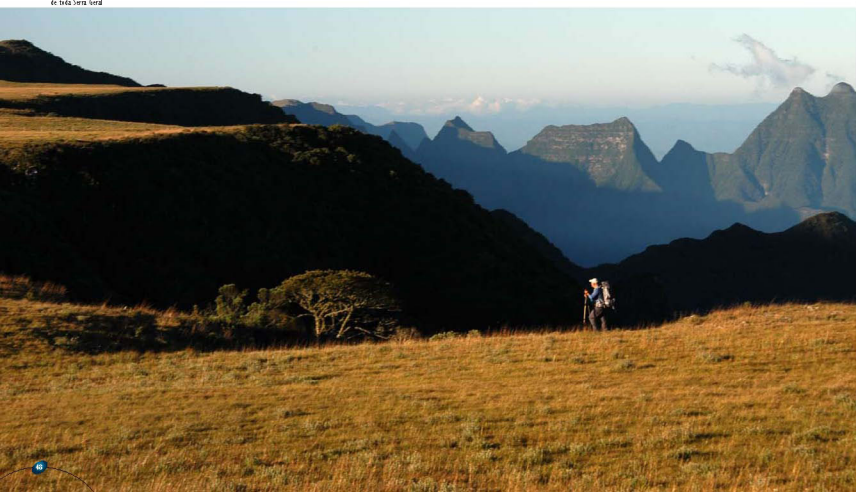
deiroso. Durante o robe-a-desce sem fim, atravessamos o Parque Nacional, envoltos em uma temperatura surpreendentemente amena. O roteiro que escolhemos iniciava-se em Vúcas Gordas, pequeno distrito a 20 km de Urubici, atravessado o parque por Estrada dos seus irmãos e seguindo para o município de Bom Jardim, na outra vertente dessa Unidade de Conservação. A região dos campos altos, ou de altitude, é própria síntese da beleza e eleva a estrada há sinuosa a mais de 1.500 metros, contando a região e permitindo a vegetação baixa composta por gramíneas doradas.

Depois de 30 km de pedal, passamos por várias fazendas no interior do Parque, cruzando de um lado a outro o Rio Cânions com certa frequência. Chegamos à entrada do Cânion Laranjeiras e demos uma esticada até a grande depressão geológica que se abre diante dos olhos em vales profundos ladeados por paredes abruptas e escarpadas ricchosamente pela ação das águas, sem dúvida o ponto alto do passeio. Voltamos então à estrada, já de noite, e fechamos o ciclo de 40 km envoltos na neblina que se abria momentaneamente descontinando as estrelas.

A agência Caminhos do Sertão, responsável pela logística do passeio, organiza a "Travessia dos Cânions", que dura cerca de cinco dias, em um roteiro que inclui a visitação do Cânion Laranjeiras e segue para o Rio Grande do Sul, passando pelos Cânions Monte Negro e Itaim-bezinho, em Cambaí do Sul e São José dos Ausentes.

Nos desfiladeiros do Corvo Branco

No outro dia, saímos logo pela manhã para mais um dia de pedal pela região. Nosso próximo destino era a imponente Serra do Corvo Branco. Seguimos por estradinhas recumbidas cruzando dezenas de pontos de madeira e pequenas propriedades de agricultura familiar. A simpatia dos colonos era convidativa. Paramos então para tomar um ruco numa pequena propriedade adepta de agricultura orgânica. Conhecemos pessoas corajosas, que se opõem à estrutura dos grandes mercados e do sistema de alta produção pelo cultivo convencional, respeitando a terra e seus **2**





clidos e ganhando em qualidade de vida (Ver matéria na pág. 54).

Depois do deléite, partimos para o último lance que se revela em uma grande e extenuante subida. Quase no cume, a montanha se abriu em uma enorme fenda, talhada na rocha, para a passagem da estrada SC 439, que segue entremendo paredes de rocha com 90 metros de altura. A estrada liga o município de Urubici a Grão-Pará e despenca a partir do alto da serra em um incrível desnível exposto abruptamente em curvas e caracóis. O caminho exibindo grandes abismos é um prato cheio para quem curte um pouco de adrenalina, pois a cada curva a paisagem desaparece e o vazio se expõe em despenhadeiros

Diz-se que essa sequência de curvas faz tremer as pernas até dos mais audaciosos. A serra recebe esse nome, em homenagem a uma ave de extrema beleza, o urubu-rei, chamado de corvo branco nessa região, o qual supostamente foi avistado por ali pelos primeiros desbravadores.

À direita da estrada, que corta a Serra em direção ao litoral, temos o Parque Nacional de São Joaquim e à esquerda o Campo dos Padres. Em 2006, iniciaram estudos para a implementação de uma nova Unidade de Conservação por ali, o Parque Nacional do Campo dos Padres. A área ajudaria a proteger a enorme riqueza de ecossistemas e a grande variedade de espécies de plantas e animais. A região está inserida no bioma Mata Atlântica, um dos mais ameaçados em todo o mundo, com apenas 7% da sua área original.

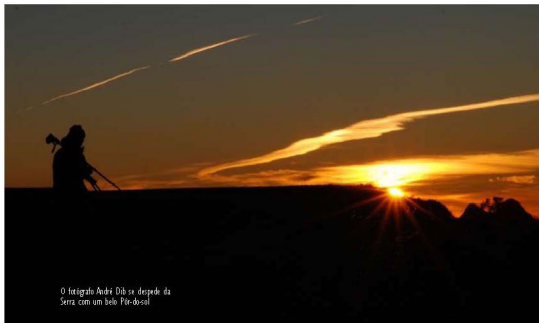
Pedal até o Morro da Igreja

Outro trajeto impar para cicloturistas mais animados é a subida ao Morro da Igreja, que é feito a partir de Urubici. São 15 km de estrada de chão e mais 17

km de asfalto em uma subida interminável, que algumas vezes envolve o ciclista na neblina, criando uma atmosfera insólita e misteriosa. Devido à altura, é possível romper as nuvens e avistar um grande tapete branco, se estendendo aos pés da montanha até a linha do horizonte. Para quem quer poupar energia, há a opção de subir de van para se soltar em 17 km numa descida na sua mais pura essência. Mesmo com o sol a pino, uma jaqueta corta-vento é indispensável para a empreitada.

O frio é inevitável, pois está na própria origem do nome Urubici, que em tupi-guarani significa "mãe das águas frias".

Vale encantar o agouro, entretanto, para se encantar pelos vales verdejantes, as matas de araucárias e centenas de caminhos e trilhas que recebem os viajantes com os mais diferentes propósitos. Lá encontram refúgio em meio à natureza, onde a saúde do planeta parece não estar ameaçada. Pelo menos, por enquanto.



O fotógrafo André Dib se despede da Serra com um belo Pôr-do-sol.



Um dos pontos altos da travessia do Parque Nacional São Joaquim, SC.



Por: Fernando Angeletto
Fotões: André Dió

Acolhida na Colônia

Aliando turismo e preservação ambiental, projeto em Urubici estimula a vivência no campo e a agricultura orgânica nas propriedades da região

Forte fato bem sertanejo, o homem ferrou de olhos azuis, chapéu de tano e porta de madeira, energia decidida pelo jeito do rosto. É melhor do lado, des armadas e de toda a mata lindíssima "Arrozão da Serra", que desperta numa cachoeira próxima, mata de sours camilhada. De bot de brincha, pouco se importa em meter as pernas em algumas bacias d'água, mas que lhe custare molhar bastante a calça de moleton.

Rouco after da saída, a esposa, dona Terezinha, recomenda: "não vá tomar banho de cachoeira, está gripado!" Na trilha, porém, seu Heráldo confessorou a terapia: "não tem jeito, toda vez que vou lá, tenho que sentir a água. Faz um bem danado, e até cura a gripe". Típico de alguém muito à vontade com seu espaço e ambiente, acomodado por um grande amor à natureza, pensou.

Nam dia frio de maio, não pareceu nada convidativa a ideia de virar poelão na água de trincar os ossos. Mas para seu Heráldo foi dito e feito: tão logo chegou, tratou de se air debaixo da queda, um fluxo d'água rescatado com um véu não mais largo que seu chapéu de couro.

Chapéu que ele tem tirou, como também não tirou a calça, tampouco a bot. De rouca e tudo, portou seu corpo aos agrinhos gelador da água, abriu os braços e exclamou, virado e sorridente: "é muito bom!"

Há pouco tempo, menos de um ano, o sr. Heráldo souza passou a dividir seu palácio com turistas que chegam a região. O salto do Arrozão da Serra, onde não levou, é um dos atrativos da propriedade de pouco menos de 50 hectares, herança

do sogro dele, dividida entre a esposa e quatro irmãos. Para receber os visitantes, a família construiu acomodação rústicas, mas muito confortáveis, e viu-culou-se à Associação Acolhida na Colônia, uma rede de hospedagens rurais, cuja premissa é agregar famílias que praticam a agroecologia.

O projeto que hoje integra o Sítio Arrozão da Serra começou nas encostas da Serra Geral, na cidade de Santa Rosa de Lima, a expandir-se para outras regiões de Santa Catarina - Urubici, Ibirama, até vale eitoral. Além dos atrativos da natureza e da vivência do campo, os estabelecimentos propõem aos visitantes refeições orgânicas, a partir da produção local.

A bela proposta de Associação lhe rendeu o prêmio "Projeto Generosidade", da Editora Globo. Com os R\$ 200 mil do prêmio, a rede organizou um Fundo para financiar pequenos investimentos, de até R\$ 5 mil, nas propriedades associadas. Com carinho de sair mesas para o pagamento parcelado e sem juros, a verba deva potencializar o turismo ecológico entre os proprietários.

Se integrar a Acolhida foi tarefa fácil para seu Heráldo. Agroecologia, para ele não é novidade. Já se vive quase dez anos desde que adotou a prática em seus cultivos. De uma dezena de hortaliças a frutas, como

kiwi e caqui, passando pela produção leiteira, a diversidade produtiva alimenta demandas externas, além de ampor os suculos (e saborosos) cardápios da casa. Pás manhã, pouco antes de pravam os "amargos", catxino firmagatos, pingado com leite direto da ordenha - uma sarta-tiga iguaria sertaneja - o proprietário nos conta sobre os esforços para manter um método produtivo que se aloca como contramovimento do método soberano, a "agricultura convencional".

Desafios da Produção Orgânica

Por seu azeitamento intuitivo e sua intimidade com a natureza, o homem do campo, em geral, tem plena consciência da nocividade dos agrotóxicos a si próprio e ao ambiente. A necessidade de financiamentos, técnicos e insumos externos, entretanto, torna a tarefa de abandonar a agricultura convencional uma jornada de grandes obstáculos. Na região do São Francisco (área rural de Urubici), onde está a propriedade de seu Heráldo, houve uma fase de grande adesão à produção orgânica, mas a aposta no método alternativo naufragou em pouco tempo.

"No começo, eram 40 produtores. Hoje, conta-se nos dedos das mãos os restantes", conta o agricultor. "A maioria entrou pela primeira vez naquela fita, quando os produtos orgânicos entraram em moda. Mas a opção tem que ser pela vida, pelo respeito à terra", reflete. O produtor ressaltou que o retorno financeiro com a produção orgânica é gradativo, jamais imediato.

O argumento ambiental, apesar da forte, é pouco para ampliar o contingente de produtores orgânicos, tendo em vista os vários desafios que se abrem para aqueles que optam por esta



de cultivo. A necessidade de abertura dos canais de comercialização, por exemplo, tem sido uma quebra bastante discutida pelos agricultores e instituições de pesquisa e extensão envolvidas na produção agroecológica. O desejo dos produtores é fugir do sistema tradicional de escoamento, que gera abrandos como o descrito pelo sr. Heráldo: "certa vez, fomos a São Paulo para saber como eram comercializados nossos produtos. O tomate orgânico, que saiu da minha propriedade por R\$ 1,80 o kilo, era vendido em um grande supermercado R\$ 1,60", em uma bandeja com 800 gramas.

Nessa relação, em que um produtor sai da lavoura, passa por diversos atravessamentos e acaba numa grande rede varejista, o produtor é inicialmente explorado, enquanto o consumidor acaba concluindo que alimento saudável é exclusividade de mão de obra estrangeira. Uma distorção que pouco a pouco passa a ser corrigida. Hoje, instituições como a Cooperativa Ecoerra, para onde o sr. Heráldo enviou boa parte de sua produção, tratam de democratizar os mercados, na lógica da "Economia Solidária", e fornecer diretamente aos orgânicos a feira, eventos e pequenas redes de varejo.

Outro incentivo aos agricultores familiares, e por conseguinte aos que praticam a agroecologia, é a ven-

ta direta ao Governo, através dos PAAs (Programa de Aquisição de Alimentos, da Conab - Companhia Nacional de Abastecimento). "Neste sistema, eu posso comercializar diretamente até R\$ 3.500,00 por ano", conta o sr. Heráldo. Parece pouco, mas esta escoamento garantido, ainda que tímido, é uma alternativa bastante interessante. Além de valorizar o trabalho dos agricultores, democratiza o acesso a alimentos de qualidade nos hospitais, escolas, creches e outras instituições públicas ligadas ao Programa. A expectativa é que, em curto prazo, haja novos estímulos estatais, ainda mais promissores. Com recursos do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), através de lei federal nacionalizada em maio, determina-se que no mínimo 30% da merenda escolar nas escolas públicas de todo o País deverá ser adquirida diretamente da agricultura familiar, sem licitação. A lei salienta que os alimentos orgânicos e/ou agroecológicos devem ser priorizados entre os critérios da compra. A partir de agosto, amponer-se como o braso Heráldo, o homem que toma banho de chapéu e que em seu modo de cultivar faz um bem danado a todos, poderá vender à União até R\$ 5 mil por ano - de produtos éicos, livres de venenos e isentos da apropriação de quem os produz.

A Revolução Verde e Meio Ambiente

Nam recente análise de países décadas, não é preciso muito tempo para emergir quando a humanidade de distanciar-se de uma relação mais orgânica com a terra para contrair os ciclos naturais à base de pedicéis, herbicidas sintéticos, higienização de sementes e mecanização. A chamada "Revolução Verde", termo cunhado nos anos 70, foi o início de uma intensificação controversa, travada com o misto herético de um pacífico ambientalista capaz de andar o problema do fome no mundo.

Embora no aproveitamento das sobras da Segunda Guerra, coletado das indústrias intersetores desenvolvidas, dos ramos químico

e médico, a dita "Revolução" converteu a quantidade de produtos do mercado bélico numa estratégica catada para controlar a agricultura e, consequentemente, a alimentação em todos os estratos.

Implementada em escala mundial, principalmente nos países em desenvolvimento, a "Revolução Verde" foi provavelmente a centralidade de uma de propaganda intensiva e da persuasão sua extensão rural - com técnicos em campo polinizando o "capote, arcaico e atroz do modelo convencional", como o "ovo e a cônica em pel do desenvolvimento". De fato, o modelo teve êxito em seu intento de expandir a produção agrícola. Dados da FAO, longo da 2.ª Região, União e para Agricultura e Alimentação, apontam

arroz como de 150% no efeito de crença entre 1961 e 2005, ao passo que o salto na população mundial foi de 111%.

A falta de acesso ao alimento, no entanto, não está relacionada à quantidade de alimentos disponíveis no mundo e sim à concentração do mundo, que agrava cada vez mais o problema. Qualquer tecnologia mais usaria no mercado mundial é capaz de ampliar significativamente o contingente de flagelados, logo vira a sair como de 115 milhões de indivíduos aos 15% de farras da população mundial, somente como reflexo de três anos de crise (2008 e 2009), segundo a própria FAO.

Além do não ter resolvido a questão da fome, a "Revolução Verde"

trouxe uma lista de consequências devastadoras. Uma das principais, como lembra o professor de Engenharia Ambiental (UNICAMP), Carlos Galvão Pinheiro (UNICAMP), são os poluentes orgânicos persistentes - POPs, capazes de provocar acúmulo nos tecidos de peixes, aves e mamíferos. Espécies colonizadas em a espécie, os indivíduos são capazes de ampliar significativamente o contingente de flagelados, logo vira a sair como de 115 milhões de indivíduos aos 15% de farras da população mundial, somente como reflexo de três anos de crise (2008 e 2009), segundo a própria FAO. Além do não ter resolvido a questão da fome, a "Revolução Verde"

